

# Banca de teses

## Eliane Cantanhêde

Será que a esquerda quer mesmo ganhar as eleições de Brasília? Desculpem, mas a pergunta é pertinente. A chapa fechada na sexta-feira é de fato muito bonitinha, e nada ordinária, mas de apelo eleitoral bastante duvidoso. São três professores da UnB. Letrados, é claro, bem vestidos, impecáveis no uso dos microfones de auditórios. Com certeza, serão um absoluto sucesso nas urnas do Minhocão. Mas, com licença, alguém combinou com o povão de Samambaia?

O governador Joaquim Roriz deve estar saltitante de alegria. Hoje, sem dúvida, é dia de chamarpanhe no Buriti. Sim, porque nem é preciso fazer muita coisa nos assentamentos, onde decisivos 400 mil votos nunca viram microfones e muito menos tiveram tempo de entender o tal pragmatismo da esquerda, que se esvai ao primeiro sopro da ambição pessoal.

É muito difícil imaginar a elegância verbal do ex-reitor Cristovam Buarque, a discrição do economista Lauro Campos (PT) e a entonação monótona do engenheiro Carlos Alberto Torres (PPS) levando multidões ao delírio. Enfim, diriam os sempre otimistas, ainda resta uma vaguinha para tentar esquentar esta chapa impecável: a de vice.

Até ontem, falava-se no líder do PT na Câmara Legislativa, Eurípedes Camargo, um bom de voto das satélites. Mas as maiores chances recaíam sobre um outro professor, Oswaldo Russo (PPS), que foi um bom presidente do Incra, mas não parece ser senhun *expert* em palanques e votos. Seria, mais ou menos, como chover no molhado na chapa da esquerda.

Antes mesmo de qualquer

dissabor eleitoral, o PPS já rachou. Numa reunião na quinta-feira à noite, na sede do Conic, aconteceu de tudo um pouco, até o divórcio do engenheiro Benjamin Sicsu do partido. Aos 43 anos, responsável pela sistematização dos órgãos ambientais do DF, Benjamin se filiou ao antigo PCB em 1968 e foi um dos líderes locais do movimento de renovação que gerou o PPS. As bodas de prata, no entanto, não resistiram ao processo de escolha dos candidatos do partido na coligação com o PT.

Pela lógica eleitoral, o professor Cristovam precisaria de um companheiro de chapa mais popular e de dois nomes para o Senado que tivessem montanhas de voto. Exemplos: Augusto Carvalho (PPS), o candidato mais votado para a Câmara dos Deputados nas últimas eleições, e Chico Vigilante (PT), outro

que entende do riscado. Mas, enquanto Augusto discutia Orçamento, revisão constitucional e outros temas áridos no Congresso Nacional, Carlos Alberto atuava como formiguinha na máquina partidária. Não deu outra.

A cisão no PPS tem efeitos graves sobre o quadro das esquerdas em outubro. Com Augusto e Chico Vigilante disputando a reeleição para a Câmara, eles têm espaço praticamente garantido. Soma daqui, diminui dali, o resultado é que o espaço das esquerdas fica muito reduzido na disputa do voto. O deputado Sigmaringa Seixas (PSDB), por exemplo, deve estar trêmulo. E não exatamente de emoção. Afinal, apesar de ter sido o parlamentar mais atuante da bancada do DF, ele tem o estigma de ser o lanterninha das eleições de 1990.

Naquelas eleições, aliás, o PPS já tinha experimentado o gosto amargo de um erro tático. Jogou tudo para dar o primeiro lugar da Câmara para Augusto Carvalho e perdeu um bom quadro: Arlindo Dória, da seara dos bancários, que ficou de fora por apenas 200 mil votos. Agora, PPS e PT se uniram no erro. Produziram uma chapa eleitoral que mais parece banca examinadora de tese acadêmica.

**Aí está  
um trio de  
mestres  
da UnB.  
Letrados,  
bem  
vestidos,  
impecáveis.  
Mas têm  
votos?**